

Mobilização. Rossetti afirma que ONGs podem até não levar conhecimento à comunidade, mas ajudam-na a lutar por isso

“A educação precisa virar uma causa nacional”

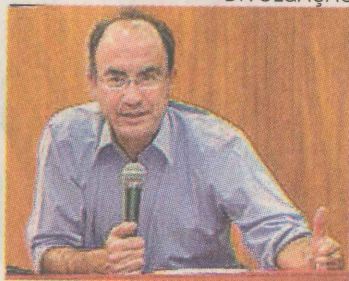
Para o cientista social e jornalista Fernando Rossetti, a sociedade deve se organizar para lutar por seus direitos

ANNY GIACOMIN

■ ■ “Quando se fala de ONG – organização não-governamental – sou eu, é você, somos nós, sabe? É a gente se organizando para melhorar.” É com esse chamado que o cientista social e jornalista Fernando Rossetti traz à tona uma solução para o ensino público no país: a organização da sociedade em prol da luta pelos seus direitos.

Para Rossetti, uma ONG não pode dar a luz do conhecimento para a comunidade. Mas pode ajudá-la a se mobilizar, a cobrar investimentos do Estado, a incentivar uma família a criar um horário para a criança fazer a lição de casa. “São coisas básicas, mas que pessoas que não tiveram acesso à educação formal não sabem”, diz o cientista social, que também é secretário-geral do Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (Gife).

Em um artigo, Rossetti destaca que o Brasil tem mais de um milhão de jovens analfabetos. E que boa parte dos adolescentes não está na série correspondente à sua idade. Para o cientista social, a educação precisa virar uma causa nacional.



DIVULGAÇÃO

PALESTRA. Rossetti participou da série “Agenda Social”, na última terça, em Vitória

“Para fazer um Brasil forte, a educação precisa virar uma causa nacional. E cada um de nós tem um papel nisso, inclusive a imprensa”

“A educação pública é uma catástrofe no país. Mesmo assim, avançou porque começou a haver políticas públicas mais estáveis no país”

Perfil

■ **Cargos:** Fernando Rossetti, 45 anos, é secretário-geral do Grupo de Institutos, Fundações e Empresas (Gife) e presidente da Worldwide Initiatives for Grantmakers Support (Wings)

■ **Formação:** Graduado em Ciências Sociais pela Unicamp. Tem especialização em Direitos Humanos pela Universidade Columbia (EUA)

■ **Jornalismo:** Atuou na Folha de São Paulo de 1990 a 1999 como repórter de Educação e foi correspondente na África

do Sul em 1994 e 1995. É comentarista do Canal Futura desde 1997

■ **ONG.** Fundou, com Gilberto Dimenstein, a ONG Cidade Escola Aprendiz, que dirigiu de 1999 a 2002

■ **Mundo:** Foi consultor para diversas organizações nacionais e internacionais do terceiro setor, como o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), para quem escreveu o livro “Mídia e Escola – Perspectivas para políticas públicas”

Palestras visam a divulgar novas tecnologias

■ ■ O ciclo de palestras “Agenda Social: Potencialidades e Valores” tem por objetivo divulgar as novas tecnologias sociais para o desenvolvimento das entidades não-governamentais do Estado, compartilhando experiências entre importantes instituições nacionais. Ainda passarão por Vitória mais quatro nomes

representativos da Responsabilidade Social no Brasil. Integrantes de associações, de fundações, de institutos, além de empresários e interessados pelo tema participam de uma discussão aberta sobre essa temática, abordando fatos concretos para o crescimento mútuo das partes interessadas, que leve a fortalecer organizações sociais e cidadãos para o exercício de sua função pública. O evento é uma parceria entre a Ação Comunitária do Espírito Santo (Aces) e a Rede Gazeta.

cisa virar uma causa nacional. “Só assim o país poderá ser competitivo no mundo globalizado. Temos que aprender a lidar com o fato de que, ao mesmo tempo em que computamos um atraso de 150 anos no processo educacional, convivemos e lidamos com as tecnologias do século 21, como a internet”, ponderou.

Em entrevista exclusiva, Fernando Rossetti falou um pouco mais sobre a educação na atualidade e sobre o papel das ONGs, tema abordado durante sua palestra na série “Agenda Social: Potencialidades e Valores”, realizada na última terça-feira, em Vitória, numa parceria entre a Ação Comunitária do Espírito Santo (Aces) e a Rede Gazeta. Confira alguns trechos da conversa.

Problemas

A educação pública é uma catástrofe no país. Mesmo assim, está muito melhor do que há 13, 14 anos. As crianças não sabem ler nem escrever. Não sabem fazer contas. As escolas não têm biblioteca. Os salários dos professores são ruins, o que os deixa desmotivados. Além disso, um salário ruim atrai um público menos qualificado. Nas escolas de periferia, a rotatividade de professores é muito alta. E como manter um bom nível de educação assim? Não dá.

Avanços

Mesmo assim, a educação avançou porque se começou a haver políticas públicas mais estáveis no país. O Brasil está desenvolvendo avaliações educacionais, melhorando os processos de formação, inclusive o de diretores das unidades. Isso é um avanço na gestão. Ainda há uma luz no final do túnel.

Reformulação

A educação brasileira deveria ser reformulada, buscando maior proximidade com a era digital. Além disso, a sociedade civil e os grupos econômicos deveriam cobrar mais do Estado pela garantia de uma educação de qualidade.

Informação

A educação tradicional

“A elite passou a enxergar a importância de uma educação pública de qualidade. E quando a elite acha importante alguma coisa ela faz essa coisa acontecer”

consiste em dar informação às pessoas. Até a década de 40 do século passado, o jornalismo consistia em pegar enciclopédias, verificar arquivos... Hoje você tem tudo numa “googlezada”. Mas para que a educação consista num ciclo completo, é primordial ensinar as comunidades a ver as coisas com visão crítica. É necessário aproximar alunos do contexto social em que estão inseridos.

Internet

A internet muda completamente as coisas. Surge com ela um novo público, afogado em informação. Os alunos precisam aprender a navegar nesse cenário de informações. Aí muda tudo. As crianças hoje ficam inquietas nas escolas porque têm um excesso de informações e não entendem o sentido daquele professor ali na frente, obsoleto.

Economia

Quando a educação começa a se tornar uma questão econômica, você começa a ver mais responsabilidade social, as empresas passam a se mobilizar mais. A educação tem que ser tratada como a economia. A área social, assim como a econômica, não gosta de pacotes. Se cada governante vier com um pacote diferente, a situação fica do jeito que ela está hoje: mecânica, franzina, deprimida. Não adianta querer vir com um monte desses pacotes educacionais, porque eles vão fracassar.

Poder

A elite passou a enxergar a

importância de se ter uma educação pública de qualidade no Brasil. É a classe que mais pode investir no país. No momento em que a elite acha importante alguma coisa, ela se articula e faz essa coisa acontecer. E tem o poder de pressionar os políticos a cuidar adequadamente da educação. Não tem como o Brasil ser um país competitivo, civilizado, no mundo globalizado se ele não tiver uma população educada.

Papéis definidos

A primeira coisa que as pessoas têm de entender é que a educação básica é uma atribuição do governo, do Estado. Não é papel da sociedade civil, nem das ONGs, oferecer educação básica. O que as ONGs podem fazer é complementar a política pública, colaborar com ela, realizar o controle social do orçamento da educação – ver se o dinheiro está indo mesmo para as escolas, se está sendo aplicado adequadamente.

Mercado de trabalho

A formação de jovens para o mercado de trabalho é um trabalho importante, principalmente porque as escolas não estão dando conta da educação básica. Esse é um papel em que a elite empresarial do Brasil pode contribuir e muito.

História

Antigamente, a educação, no Brasil, era feita pela Igreja. E a Igreja era mantida pelas pessoas ricas. O trabalho social só começou a ser público com a proclamação da República, em 1889. Mas, na verdade, ainda não chegou à República Brasileira. Um dos pilares da República é oferecer uma educação pública de qualidade pelo Estado. E isso não temos ainda. Hoje, as escolas públicas acabam funcionando como formadoras de professores da rede pública que trabalham na cidade.

ONGs

Eu entendo as ONGs como uma manifestação das pessoas. Elas podem trabalhar com as comunidades. Mas, por exemplo, nas comunidades de periferia, as pessoas não têm nem repertório nem formação para saber se a escola é boa ou ruim. As pessoas acham que a escola pública é boa. Mas elas nem têm como saber se realmente são. Há 50 anos, só metade das pessoas ia para a escola. Hoje, todas as crianças dos 7 aos 12 anos estão matriculadas.

Diversidade

O mundo das ONGs é caracterizado pela diversidade. Há ONG que defende o mico-leão-dourado, a que trabalha o controle do orçamento público, uma que capacita a comunidade. A ONG não deve servir somente para a comunidade e sim atuar em conjunto com ela.

Incentivo

Para fazer um Brasil forte, a educação precisa virar uma causa nacional. E cada um de nós tem um papel nisso, inclusive a imprensa, que deve dar informação de qualidade. Os órgãos de comunicação deveriam incentivar e permitir que os jornalistas se especializem nessa área. É uma área meio desprezada pelos jornalistas, pela cultura jornalística em geral. Educação é um tema central num país. Daí a importância de se discutir isso.

Futuro

Provavelmente, no futuro, vamos ter atividades para ser desenvolvidas pelas crianças sim, mas a idéia é muito mais interdisciplinar. As crianças vêm pra escola, fazem campanhas, jornais, sites, projetos, constroem coisas, e a partir daí entra o conhecimento. Não precisamos mais recortar o conhecimento como numa linha de produção. A tendência é a educação ser muito mais orgânica, por causa dessa abundância de informação.